

# O modelo destruído

ESTADO DE SÃO PAULO

28 SET 1993

**A**parentemente, apenas o sarcasmo construiu a pergunta do aluno: "A senhora não tem outra camisa? Está vestindo a mesma há uma semana". A resposta da professora, aparentemente também, amparou-se em: "Não tenho vergonha", acompanhada da explicação de que o salário pago ao educador público do Estado mais rico da Federação brasileira era tão baixo que não permitia "comprar roupa".

Tanto a professora proletarizada, que sem "nenhum livro em casa" ensina Geografia tendo como "mais recente" um mapa-mundi de 1964, quanto o aluno apenas dissimulam sua vergonha; a professora com desilusão porque já conheceu outra realidade — quando começou a carreira e era respeitada —, e o aluno com agressão porque sempre esperou da escola um outro modelo e aquele que vê todos os dias não oferece qualquer expectativa promissora. A educadora favelada, que já não consegue mais alimentar os filhos, oferece que tipo de visão do futuro para seus alunos?

Quem está preocupado com esta situação? O quadro de rebaixamento salarial do funcionalismo em geral e dos professores em particular funciona apenas como demonstração matemática de uma decadência que ninguém quer ver. Há quanto tempo o banco oficial que paga os salários dos professores não lhes nega talão de cheque porque sua renda não permite tal "benefício"? Observar a tabela provando que nos últimos 30 anos o poder aquisitivo dos educadores públicos paulistas caiu 88% é só uma constatação estatística que permite visualizar os momentos em que o plano inclinado era mais íngreme. Nos dois últimos governos, a porcentagem da inclinação aumentou muito. Quantas das entidades da sociedade civil, sempre tão conscientes dos nossos problemas sociais, manifestaram-se quanto aos riscos dessa situação? Há quantos setembros sucessivos os professores fazem greve sem que ninguém se importe?

A única preocupação partiu da rede particular de ensino por motivo determinado: a decadência salarial é tanta que desestimula a

opção pela profissão. A ponto de em maio último o coordenador pedagógico de um conceituado colégio particular de segundo grau avisar: "Do jeito que vai, logo teremos de importar professor". Quem notou que a USP, por exemplo, no ano passado, formou apenas 33 estudantes nos cursos de Licenciatura em Física e Química? Ou 7,5% do total das vagas oferecidas nesses cursos.

Os professores que conseguiram abandonaram a profissão. Merece toda atenção a pesquisa do Cebrap demonstrando que a maioria do magistério paulista não acredita na greve como "mecanismo de pressão" para repor perdas salariais. Aos apressados que preferem encontrar escondidas razões políticas, a mesma pesquisa demonstrou que 90% dos professores não são filiados a nenhum partido e mais de 50% deles não têm disposição para "apoiar qualquer palavra de ordem de esquerda". Por que então 90% das escolas paulistas estão paradas? Será que a professora que não tem nenhum livro em sua casa não está envergonhada de sua situação? Será que a professora favelada que pretende transmitir a sua força de vontade aos alunos "nascidos na periferia, como eu" já se desiludiu por inteiro de sua profissão?

Com certeza, o governo Fleury quando necessário retomará o cassetete pedagógico e de ameaça em ameaça fará que os professores voltem à sala de aula. O governo sabe que pouco perde com a greve porque a sociedade não presta muita atenção às reivindicações dos educadores. Os professores, quando voltarem, retomarão a estrada da proletarização, à espera da próxima greve. Os 6 milhões de alunos das escolas públicas paulistas são os maiores perdedores desta situação. Não só pelo pouco que podem aprender com professores dedicados, mas infelizes, como os que a reportagem retratou. Nem pelo que perderam na greve. A perda mais grave é o desaparecimento do professor como modelo a ser seguido pelos alunos. Desprestigiado ao extremo na escola, pelo governo e pela sociedade, ele desenha que tipo de futuro na mente dos educandos?

**Modelo da  
criança, depois  
dos familiares, o  
professor é quem  
pode dar ao aluno  
visão do futuro**